

INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: ESTRATÉGIAS UTILIZADAS EM UMA CONFERÊNCIA¹



LIBRAS

Simultaneous interpretation from Brazilian Sign Language into Brazilian Portuguese: strategies used in a conference

Tiago Coimbra Nogueira²
Caroline Barros Weiler³

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de realizar uma discussão sobre questões referentes à interpretação simultânea da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para o Português Brasileiro a partir de um estudo de caso, em que analisamos uma palestra proferida em Libras e interpretada para o português. Ao observar as estratégias utilizadas durante essa interpretação, verificaremos quais caminhos percorre o intérprete em busca de uma interpretação mais coerente na língua alvo. Abordamos

ABSTRACT

The present work aims to discuss questions regarding the simultaneous interpretation from Brazilian Sign Language into Brazilian Portuguese (Libras) through a case study of the interpretation of a lecture from Libras into Brazilian Portuguese. By observing the strategies used in the interpretation, we verify which paths the interpreter takes to a more coherent text in the target language.

¹ Acesse aqui para ler em Libras: https://youtu.be/L_NrrSUiq50.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS; e-mail: ticoimbrails@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS; e-mail: carolineweiler@outlook.com

também alguns dos motivos que poderiam explicar por qual razão os intérpretes que atuam com língua de sinais sentem-se inseguros com a interpretação para a língua oral e, por fim, apresentamos estratégias descritas na literatura que podem ser utilizadas por intérpretes durante a atuação. Optamos por uma abordagem qualitativa baseada em uma metodologia descritiva. Os resultados da análise apresentam diversas estratégias utilizadas durante a interpretação, além de descrever algumas dificuldades e soluções que surgiram durante a atuação.

We also discuss some of the possible reasons to explain why interpreters of sign languages feel insecure toward the oral language. Finally, we present the strategies described in the literature to be used by interpreters in their work. We chose a qualitative approach based on a descriptive methodology. The analysis results show that different strategies were used in the interpretation and describe some of the difficulties and solutions that surface in the interpreter's performance.

PALAVRAS-CHAVE

Interpretação para o Português Brasileiro; Sinal-voz; Estratégias na interpretação Libras-Português.

KEYWORDS

Interpretation for Brazilian Portuguese; Sign-voice; Strategies to interpret Libras-Portuguese.

Introdução

Com certa frequência, ouvimos entre intérpretes em formação e até mesmo de intérpretes experientes que a atividade de interpretação na direção de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para Português seria mais complexa. Em nossa experiência enquanto intérpretes, vivenciamos algumas reações e comentários de colegas que relatam um constante incômodo, sempre que há alguma demanda de interpretação de Libras para Português, ou seja, da modalidade de língua sinalizada para a língua oral. Sendo o português, normalmente, a primeira língua dos/das intérpretes brasileiros/as, era esperado que se sentissem mais seguros ao produzir a interpretação nessa direção. Porém, nos discursos enunciados pelos/as intérpretes, vemos relatos de se sentirem inseguros na interpretação para Português.

Temos como objetivo principal descrever e analisar as estratégias utilizadas na interpretação simultânea de uma palestra em Libras interpretada para o Português Brasileiro, realizada por uma intérprete em formação. Também le-

vantamos na literatura alguns dos motivos que podem explicar por que razões os/as intérpretes que atuam com língua de sinais sentem-se inseguros com a interpretação para a língua oral (NICODEMUS, EMMOREY, 2014; DIAS, 2018, LOURENÇO, 2018). E apresentamos estratégias descritas na literatura que podem ser utilizadas por intérpretes durante a atuação.

Nesse sentido, alguns questionamentos norteiam nossa discussão: (i) o que as pesquisas sobre interpretação de Libras para Português têm a dizer sobre os motivos que levam os/as intérpretes a se sentirem inseguros com a interpretação para a língua de modalidade oral-auditiva?; (ii) quais as estratégias de interpretação utilizadas em um contexto de conferência por uma intérprete que está se formando?

O artigo inicialmente conta com algumas considerações sobre a interpretação de Libras para Português e, depois, discorremos sobre algumas estratégias para interpretação; na terceira seção, descrevemos os caminhos metodológicos do trabalho, ao passo que na quarta mapeamos as estratégias de interpretação realizadas durante uma conferência. Encerramos com algumas considerações finais.

1. Interpretação de Libras para Português

É possível entender que os intérpretes de Libras-Português têm a função de mediar “discursos que são produzidos a partir de determinados lugares sócio-históricos específicos, de línguas em que as modalidades linguísticas são diferentes” (NASCIMENTO, 2012, p. 81). Nesse sentido, aspectos envolvidos no discurso, nas subjetividades, na situação específica e nas culturas estão entrelaçados nessa interação, que está permeada pelo trabalho do intérprete.

Nascimento (2012, p. 81) também relata que os/as intérpretes, quando atuam na interpretação da Libras para o Português, “dão voz sonora ao discurso gestual-visual-espacial dos sujeitos surdos, legitimando, para os leigos em Libras, a voz política conquistada por essa comunidade”. Nesse sentido, o/a intérprete assume um papel de mediar a comunicação e transmitir a voz dessa comunidade, em busca de empoderamento e participação social efetiva. A interpretação simultânea ocorre quando o/a intérprete, ao ouvir ou ver o discurso na língua fonte, inicia o processamento das informações e vai produzindo o discurso na língua alvo.

Pagura (2003) diz que a interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão” (PAGURA, 2003, p. 211). Especificamente quando há uma língua de sinais e uma língua oral há uma demanda distinta (uma língua visual-gestual e outra oral-auditiva), isto é, conforme Lourenço (2018) e Rodrigues (2018) ocorre uma interpretação intermodal, e essa característica gera demandas específicas para a atividade de interpretação. Lourenço (2018) afirma que nas línguas de sinais há uma multidimensão que possibilita produzir um discurso com informações coexistentes. Ao interpretar essas mesmas informações para uma língua linear, demanda-se habilidades e a necessidade da utilização de recursos tradutórios [e interpretativos] que permitam essa transposição da informação (LOURENÇO, 2018).⁴

Na mesma direção, Rodrigues (2018) explica alguns dos efeitos da modalidade, os quais estariam relacionados diretamente às características fonéticas da língua, uma vez que:

Enquanto nas línguas orais os fonemas correspondem às unidades sonoras, nas línguas de sinais eles correspondem às formas das mãos, aos pontos de articulação e aos movimentos, por exemplo. O fato de as línguas de sinais realizarem-se por meio dos movimentos do corpo no espaço (mais especificamente da parte superior do corpo, da cintura para cima), ou seja, de o corpo constituir-se em língua, permite que algumas características se destaquem: a simultaneidade, a iconicidade, a sintaxe espacial, a visibilidade necessária do falante, a possibilidade de uso concomitante da modalidade vocal-auditiva, dentre outras (RODRIGUES, 2018, p. 117).

Logo, podemos compreender que esse é um dos desafios que intérpretes de Libras-Português enfrentam durante o processo interpretativo de uma língua de sinais para uma língua oral, ou seja, o de conseguir transformar um discurso visual, com elementos e informações conjuntas, em um discurso linear na língua oral.

Lourenço (2018) descreve que na atividade de interpretação ocorrem dois processos, o primeiro é a compreensão do texto na língua fonte e o segundo a produção na língua alvo. O autor afirma que:

⁴ Do ponto de vista epistêmico, em um primeiro momento citamos Nascimento (2012), que traz uma perspectiva social para a atividade de interpretação, enquanto Lourenço (2018) apresenta uma visão mais linguístico-cognitiva. Importante ressaltar que ainda que olhem para a mesma temática seus olhares são distintos.

O caráter bilíngue da tarefa de interpretação trouxe como um ponto central na agenda de pesquisa dos Estudos da Interpretação a questão da direcionalidade. Afinal, em que direção o intérprete obtém melhores resultados: partindo da sua primeira língua (L1-para-L2) ou produzindo em sua primeira língua (L2-para-L1)? A resposta para essa pergunta depende de como são concebidos os processos de compreensão e de produção na realização da tarefa. (LOURENÇO, 2018, p. 4).

Percebemos que há uma tentativa de explicação sobre como os/as intérpretes podem desenvolver melhor suas performances e isso estaria relacionado aos processos de compreensão e de produção relacionados à direcionalidade da interpretação. Aqui, então, retomamos o questionamento: quais são os motivos que levam os/as intérpretes a se sentirem inseguros com a interpretação para a língua de modalidade oral-auditiva?

No contexto internacional, Nicodemus e Emmorey (2014) realizaram um grande estudo com intérpretes bimodais *American Sign Language* (ASL) – Inglês e intérpretes monomodais de diversas línguas orais. As autoras apresentam os seguintes motivos, descritos abaixo, como fatores que contribuem para que os/as intérpretes se sintam mais confiantes na interpretação na direção L1 (Língua Inglesa) para L2 (ASL) em intérpretes bimodais:

- a. Os intérpretes bimodais recebem significativamente mais formação e prática de trabalho do Inglês para ASL.
- b. A soletração manual diminui a dificuldade de interpretar do Inglês para ASL, mas aumenta a dificuldade de interpretar de ASL para Inglês.
- c. A transcodificação requer menos esforço do que criar uma interpretação, e é mais aceitável transcodificar ao interpretar do Inglês para ASL do que de ASL para o Inglês (por exemplo, alguns usuários surdos podem solicitar transcodificação – palavra literal para traduções em sinais – de Inglês para ASL).
- d. Os intérpretes bimodais têm mais controle sobre a sua própria produção em ASL do que quando recebem o discurso em ASL pelos usuários surdos que podem variar muito na sua capacidade de sinalização (90% dos surdos são sinalizantes não nativos na língua de sinais).
- e. Os intérpretes bimodais (especialmente intérpretes novatos) podem ser mais capazes de automonitorar sua produção oral do que sua produção sinalizada porque o *feedback* auditivo desempenha um papel maior do que o *feedback* visual na detecção de erros. Uma maior consciência dos erros durante

a “voz” (ASL para Inglês) pode levar os intérpretes bimodais a desfavorecer essa direção de interpretação (NICODEMUS; EMMOREY, 2014, p. 12, tradução nossa).⁵

A partir desses dados é possível perceber vários fatores levantados como aspectos convergentes para que os/as intérpretes se sintam mais confortáveis na interpretação para a segunda língua, no caso investigado, a interpretação para ASL.

No contexto brasileiro, o estudo de Sousa (2010) analisa a atuação de intérpretes de Libras-Português na cidade de São Luís no Maranhão. Diante das opiniões coletadas, a autora descreveu que dificuldades existentes na interpretação para a língua oral acontecem pela “falta de prática, experiência na área, fluência na língua de sinais e clareza no texto construído pelo surdo” (SOUSA, 2010, p. 64). Nesse sentido, a pesquisadora aponta esses como principais motivos para que os/as intérpretes tenham maior dificuldade na interpretação para o português.

Em primeiro lugar, a dificuldade estaria relacionada à prática muito menos frequente na região onde a pesquisa foi realizada, na direção de interpretação da Libras para Português, fato que pode variar em outras regiões. Sousa (2010) também argumenta que, em alguns momentos, não dominar determinado assunto poderia gerar dificuldades, porém, para nós, esses não parecem ser motivos distintos, pois compreendemos que para ambas as direções na interpretação esses fatores poderiam ser um complicador.

Outro aspecto apresentado como um fator de dificuldade é a proficiência na língua de sinais, uma vez que a Libras é a segunda língua, sendo que a ausência da compreensão da língua fonte impossibilita as escolhas na língua alvo (SOUSA, 2010). A autora ainda afirma que outro ponto seria a clareza do texto construído pelo orador, que pode ser surdo ou não. De fato, hoje há muitas situações em que oradores ouvintes produzem os discursos em língua de sinais e que são interpretados para a língua orais. No entanto, também é possível

⁵ No original: “a. Bimodal interpreters receive significantly more training and practice working from English into ASL. b. Fingerspelling decreases the difficulty of interpreting from English into ASL but increases the difficulty of interpreting from ASL into English. c. Transcoding requires less effort than creating an interpretation, and it is more acceptable to transcode when interpreting from English into ASL than from ASL into English (e.g., some deaf consumers may request transcoding – literal word for sign translations – of English into ASL). d. Bimodal interpreters have more control over their own ASL output than the ASL input they receive from deaf consumers who can vary widely in their signing ability (90% of deaf consumers are non-native signers). e. Bimodal interpreters (especially novice interpreters) may be better able to selfmonitor their spoken than their signed output because auditory feedback plays a larger role than visual feedback in on-line error detection. A heightened awareness of errors during “voicing” (ASL into English) may lead bimodal interpreters to disfavor this interpreting direction”.

que discursos em Português não sejam completamente claros e coesos, podendo causar a mesma dificuldade, sendo esse também um argumento que pode gerar dificuldades em ambas as direções.

Assim, por mais que esses sejam aspectos relatados pelos/as intérpretes na pesquisa de Souza (2010), a respeito da direção Libras para o Português, advertimos que alguns dos fatores apresentados também podem ocorrer na direção inversa; no entanto, muitas vezes, na ausência de automonitoramento, os/as intérpretes podem não perceber as escolhas inadequadas ao contexto, o que corrobora com um dos argumentos apresentados por Nicodemus e Emmorey (2014) no item “e”.

Os intérpretes bimodais (especialmente intérpretes novatos) podem ser mais capazes de automonitorar sua produção oral do que sua produção sinalizada porque o *feedback* auditivo desempenha um papel maior do que o *feedback* visual na detecção de erros. Uma maior consciência dos erros durante a “voz” (ASL para Inglês) pode levar os intérpretes bimodais a desfavorecer essa direção de interpretação. (NICODEMUS; EMMOREY, 2014, p. 12, tradução nossa).

Outra pesquisa realizada no contexto brasileiro é de Dias (2018) que, por meio de um questionário online, analisou as narrativas de intérpretes de Libras que ressaltam uma dificuldade maior na interpretação da língua de sinais para a língua oral. A pesquisa de Dias (2018) observa fatores ligados a questões emocionais, como nervosismo e insegurança, considerando as subjetividades e as relações de poder presentes no processo interpretativo da Libras para a Língua Portuguesa.

Essas subjetividades dos sujeitos intérpretes, suas emoções e afinidades são importantes para o desenvolvimento pessoal e profissional, sendo que tais aspectos contribuem para que a interpretação da Libras para o Português assumam diversas versões e significados. Dias (2018) mapeia algumas dessas relações subjetivas, no entanto, compreendemos que esses fatores não podem ser determinantes durante a interpretação.

Ao mesmo tempo, Lourenço (2018) em seu trabalho aponta diferenças e aspectos sobre a interpretação para a língua oral e a interpretação para a língua sinalizada; destacamos a seguir alguns desses pontos. Primeiro, a compreensão do texto na língua fonte e a produção na língua alvo, partindo da discussão sobre direcionalidade, em que refletimos em qual direção o intérprete desempenha com maior qualidade sua função, seja a produção em sua primeira língua, ou a de

quando o intérprete parte da sua primeira língua e produz em sua segunda língua (LOURENÇO, 2018).

Além disso, Lourenço (2018) discute aspectos que estão presentes na direção sinal-voz que poderiam influenciar essa prática, como, por exemplo, a ação de transliterar que pode ocorrer nesta direção e os altos níveis de monitoramento, “devido ao feedback auditivo que os intérpretes têm de sua própria fala” (LOURENÇO, 2018, p. 8), hipóteses também registradas por Nicodemus e Emmorey (2014) e descritas anteriormente. Outro aspecto levantado por Lourenço (2018) seria o estresse que pode ser gerado pelo motivo do público receptor da interpretação sinal-voz ser um grupo linguístico majoritário, o que geraria, conforme indica o autor, um fator emocional que pode interferir na interpretação.

Sobre a transliteração aplicada ao presente trabalho, Lourenço (2018) considera tal atividade como o ato de interpretar palavra por palavra, sem conexões entre as sentenças, porém sabemos que há outras visões sobre o conceito de transliteração. Ainda sobre esse conceito, o autor adverte que “transliterar da língua de sinais para a língua oral é completamente inaceitável pela audiência ouvinte, que prontamente rejeita esse tipo de produção” (LOURENÇO, 2018, p. 7).

Dentre outros fatores, levantados na literatura como problemáticos para a interpretação na direção de Libras para Português, podemos mencionar dificuldades e tempo no uso de datilologia. A datilologia é um desafio quando pensamos na interpretação sinal-voz, por ser comum o seu uso em língua de sinais quando não se encontra um equivalente linguístico, porém em português não há nenhuma “[...] estratégia compensatória equivalente que possa ser utilizada [...]” (LOURENÇO, 2018, p. 7). O que corrobora com a perspectiva de Nicodemus e Emmorey (2014), apontando que a soletração manual diminui a dificuldade de interpretar da língua oral para a língua de sinais, mas aumenta a dificuldade de interpretar da língua de sinais para a língua oral.

Diante dos fatores descritos, percebe-se que tanto fatores internos quanto externos podem gerar uma preferência pela interpretação que direciona para a produção na língua sinalizada. No entanto, ao interpretar algo precisa ser dito e estratégias interpretativas podem e devem ser adotadas. Assim, veremos na próxima seção possíveis estratégias que contribuem para a interpretação e que, se utilizadas de forma adequada, podem contribuir para melhor clareza do discurso proferido pelo intérprete.

2. Estratégias para interpretação

A partir de Vasconcellos e Bartholamei (2008), podemos conceituar problemas de tradução como de uma realidade autônoma concreta, parte da realidade externa, uma situação de tradução de difícil solução. Segundo esses autores, só a partir da estruturação do problema de tradução será, então, possível fazer uma intervenção consciente a fim de resolvê-lo. Na interpretação, essa intervenção consciente está relacionada à estratégia, que conforme Vasconcellos e Bartholamei (2008, p. 9) “consiste em um conjunto de planos potencialmente conscientes para solucionar o que, para um indivíduo, se apresenta como um problema de tradução/interpretação”.

Outra definição de estratégia é explicitada por Tryuk (2010) ao dizer que estratégia é:

Um padrão específico de comportamento destinado a resolver um problema ou a manter uma meta; é qualquer ação consciente destinada a melhorar o desempenho na performance do tradutor para uma dada tarefa, em termos de eficiência e eficácia; na tradução e interpretação, podemos distinguir estratégias específicas na compreensão e produção de texto ou fala (TRYUK, 2010, p.182, tradução nossa)⁶.

Na interpretação, a estratégia assume um papel em que o intérprete, ao ouvir ou ver o discurso uma única vez, realiza um esforço inicialmente cognitivo e depois físico ao produzir em falas um discurso, uma única vez. Sem grandes possibilidades de correção e tudo sob a pressão do tempo. Sendo assim, a estratégia é uma tomada de decisão destinada a resolver um problema de interpretação.

Considerando a interpretação como um processo orientado para um objetivo (Pöchhacker, 2004), o papel e a importância das estratégias de interpretação são evidentes, mesmo que na literatura o conceito de estratégia de interpretação tenha sido nomeado de diferentes maneiras, como *táticas de enfrentamento* (GILE, 1995), *processos estratégicos* ou *ação estratégica* (KOHN & KALLINA, 1996), *erros* (COKELY, 1985; 1992) e, ainda, *estratégias de enfrentamento linguísticas* (NAPIER, 2002). Mais tarde, Gile (2009) apresenta uma diferença entre tática e estratégia, para ele as estratégias são para ações planejadas com ob-

⁶ No original: “A specific pattern of behaviour aimed at solving a problem or attaining a goal; it is any conscious action intended to enhance the translator’s performance for a given task, in terms of efficiency and effectiveness; in translation and interpreting, we can distinguish strategies specific in text or speech comprehension and production”.

jetivos específicos, por exemplo estratégias de preparação para uma conferência e táticas para ações durante a interpretação. Optamos nesse trabalho pornomear como estratégias, pois acreditamos que é o termo mais recorrente e usado entre os/as intérpretes de Libras-Português para descrever as ações e decisões realizadas durante a interpretação.

A estratégia pode ser entendida como uma ação que não leva a um resultado bem-sucedido na interpretação. No entanto, mesmo que a decisão de um/uma intérprete resulte em uma escolha na interpretação malsucedida, a decisão ainda foi estratégica. A escolha (ou não) do intérprete é uma estratégia, o argumento defendido neste caso é que o intérprete vislumbrou um determinado objetivo e fez a escolha durante o processo de interpretação com a intenção de atingir um objetivo.

Discorremos agora a respeito de estratégias discutidas na literatura. Iniciamos com Barbosa (2015), sobre a ocorrência de omissões durante o processo da interpretação simultânea de línguas de sinais. Segundo Barbosa (2015), as omissões podem ser definidas como informações que aparecem no discurso da língua fonte, mas não são interpretadas para a língua alvo. Frequentemente, por diversos motivos como velocidade da fala na língua fonte, desconhecimento do significado da sentença, falta de compreensão e incapacidade de reprodução do conteúdo na língua alvo, optamos, conscientemente ou não, por omitir determinadas palavras ou frases (BARBOSA, 2015).

Barbosa (2015, p. 270) apresenta uma contribuição para essa discussão a partir de sua pesquisa, demonstrando que as “[...] omissões são intrínsecas ao evento interpretativo, porém nem todos os intérpretes estão prontos para lidar com elas”, desmistificando então a percepção de que uma omissão sempre vai desqualificar a interpretação, tornando-a menos clara. Contudo, o autor ressalta a complexidade do assunto, pois as omissões, nos estudos da tradução e interpretação, já foram consideradas um erro ou equívoco e são consideradas recentemente uma estratégia linguística (BARBOSA, 2015).

Nesse sentido, com os novos estudos na área da interpretação, novas definições foram empregadas no estudo das omissões, uma delas baseadas nas reflexões de Napier (2002), apresentada por Barbosa (2015) ao dizer que

A autora ainda apresenta duas definições de estratégia, as reativas e as proativas. Sendo que as reativas são as utilizadas pelo profissional sem

planejamento prévio, ou seja, a demanda surge e a reação dele é uma omissão, por exemplo; e as proativas com planejamento, ou seja, a demanda surge e ele planeja omitir uma informação para a interpretação ficar mais clara para o público alvo. (BARBOSA, 2015, p. 282).

Essas estratégias, reativas ou proativas, são importantes para mostrar que as omissões podem fazer parte das escolhas dos/das intérpretes, tanto no sentido de garantia da clareza do produto final da interpretação, quanto planejadas previamente, ou, ainda, como uma solução para momentos complicados com que nos deparamos durante uma interpretação simultânea. Todavia, a estratégia proativa verifica-se mais adequada uma vez planejada e atua no sentido da adequação sem haver perda relevante de informação na língua alvo, relacionando-se à omissão tática de Gile (1995).

Uma outra estratégia que pode ser utilizada pelos/as intérpretes é a antecipação, que consiste em, ao ver/ouvir determinadas combinações de palavras, adiantar as informações que virão posteriormente para que haja a melhor compreensão do conteúdo dito na língua alvo. Nessa lógica:

“Antecipar” significa “prever” algo que irá acontecer. Na interpretação, antecipar significa prever o que o orador vai dizer ou como irá concluir uma frase. Essa é uma estratégia bastante importante na interpretação simultânea, pois auxilia o intérprete a tornar seu texto-alvo mais fluente e evita possíveis hesitações (HELLMUTH, 2017, p. 4).

Evitar possíveis hesitações é muito relevante na interpretação de línguas de sinais para o português, pelo fato de se tratarem de duas línguas que possuem estrutura, modalidade e gramática distintas. Em muitos momentos, por exemplo, a negação em uma sentença em Libras aparece no fim da frase, e a antecipação auxilia nessas ocasiões. Além disso, Hellmuth (2017) explica que a antecipação permite ao intérprete entender o texto de forma mais rápida, ajudando-o dessa forma a produzir um enunciado de maneira mais natural – nesse caso, sem hesitações ou pausas –, bem como, tornando a compreensão do discurso e a produção da interpretação mais fácil.

Outras estratégias para processos de tradução e que, possivelmente, podem ser observadas em processos de interpretação estão relacionadas às modalidades de tradução propostas por Francis Henrik Aubert (1998). A partir da teoria de Aubert (1998), podemos considerar classificações que auxiliam os/as

tradutores/intérpretes a ter conhecimento da motivação de suas escolhas e decisões tradutórias, assim podendo aperfeiçoar seus discursos. Nicoloso e Herbele (2015) fazem a aplicação dessas modalidades para a atividade de interpretação para Libras pela primeira vez.

Aubert (1998) apresenta um total de treze classificações, mostradas abaixo numa tabela construída com cada modalidade apresentada e sua descrição.

Tabela 1 – Modalidades da tradução (AUBERT, 1998).

Omissão	Quando um dado do texto fonte não consegue ser recuperado no texto meta.
Transcrição	Segmentos do discurso que pertencem ao léxico das duas línguas, segmentos da língua fonte emprestados à língua meta ou quando não pertencem a nenhuma delas, mas sim a outra língua que não está presente no referido processo de tradução.
Empréstimo	Segmento do discurso fonte reproduzido no discurso meta, como por exemplo, nomes próprios.
Decalque	Expressão da língua fonte submetida a adaptações gráficas ou morfossintáticas para ser usada na língua alvo.
Tradução literal	Aquela que se resume em palavra-por-palavra.
Transposição	Quando ocorrem rearranjos morfossintáticos como uma palavra ser desdobrada em várias unidades lexicais.
Explicitação/Implicitação	Momento em que informações implícitas no texto fonte tornam-se explícitas no texto meta, ou vice-versa.
Modulação	Ocorre sempre que um termo for traduzido de maneira em que o sentido é mantido, mas há mudança na ordem e estrutura da frase.
Adaptação	Uma assimilação cultural que mantém parcialmente o sentido.
Tradução intersemiótica	Selos, brasões, logomarcas sinalizadas no texto meta.
Erro	Distorções do discurso na língua meta.
Correção	Quando o tradutor opta por corrigir no texto meta algo que estava errado no texto fonte.
Acréscimo	Sendo qualquer segmento atribuído ao discurso pelo tradutor.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2021.

Cabe destacar que o modelo proposto

[...] não contém em si qualquer implicação específica sobre a natureza da linguagem e de cada língua, devendo ser entendido simples e diretamente como um entre vários modelos práticos para efetuar uma descrição comparada das estruturas de superfície entre um texto fonte e seu texto meta correspondente (AUBERT, 1998, p. 111).

Pela tabela anterior, podemos considerar que algumas dessas estratégias podem estar presentes em uma interpretação realizada da Libras para o Português e, devido à modalidade e às características de interpretação, podem sofrer pequenas modificações.

Assim como Aubert (1998), Mitch (2011) evidencia as definições de antecipação, paráfrase e adição. Para o autor, as antecipações são úteis para a organização e o controle do tempo do/da intérprete, fazendo parte das escolhas que o mesmo pode tomar.

Enfatizamos a paráfrase como uma estratégia, pois através dela é possível “[...] expressar uma fala, caso o intérprete não consiga encontrar o equivalente exato na língua de destino [...]” (MITCH, 2011, p. 33), sendo assim, uma solução para momentos em que não sabemos como transmitir a mensagem de uma língua para outra, utilizando a paráfrase para esclarecer, em outras palavras, o que foi dito.

Finalmente, apresentamos o conceito de adição, aqui compreendido como *acréscimo* (Aubert, 1998), pois ambos se referem ao ato de adicionar informações ao discurso dito para melhor compreensão na língua meta, sendo que essa estratégia “[...] permite ao intérprete comunicar plenamente o conteúdo para o seu público [...]” (MITCH, 2011, p. 34).

Essas modalidades e estratégias descritas servem de balizadores para nossa análise. Assim, através desses pontos podemos observar se, durante uma interpretação simultânea, as estratégias citadas estariam sendo utilizadas como caminhos para realizar uma interpretação para o português.

3. Caminhos Metodológicos: descrição do contexto de pesquisa e da coleta de dados

Para realização de nossa pesquisa, optamos por uma abordagem qualitativa baseada em uma metodologia descritiva. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

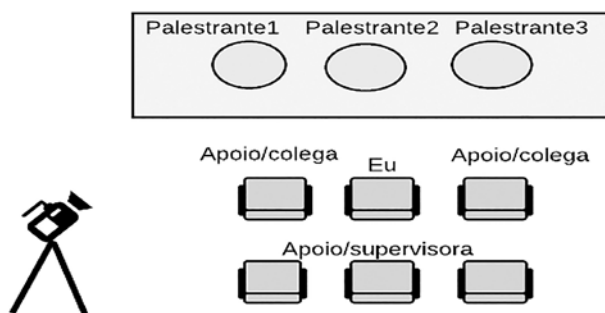
Assim, descreveremos nossa proposta de estudo da seguinte forma: (I) contexto, (II) descrição, e (III) análise da interpretação.

O contexto é a primeira definição; optamos por realizar a coleta de dados durante uma das conferências da V Semana de Estudos de Tradução do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva 2019. O evento ocorreu na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Campus do Vale. A análise descrita nesse trabalho é da interpretação feita por um dos autores desse artigo, que na ocasião realizava o estágio de interpretação de conferência, atividade obrigatória para conclusão do curso de Bacharelado em Letras na UFRGS.

A análise se concentra, em seu maior tempo, no discurso da palestrante surda, pois já sabíamos que o discurso seria ministrado em Libras. Além disso, é importante destacar que a escolha de tal situação se justifica pela impossibilidade de controle ou intervenção direta no ato interpretativo, situação que poderia ocorrer, no caso de palestrantes ouvintes que ministrassem uma palestra em Libras, fossem observados. Os ouvintes têm maior possibilidade de monitorar a interpretação, visto que a universidade não dispõe de recursos tecnológicos para que a interpretação seja realizada em uma cabine de interpretação simultânea. É importante ressaltar que os surdos também podem monitorar a interpretação, porém de maneira diferente do que ocorre com os não-surdos, podendo ser através da leitura labial, da observação da reação do público referente à sua fala e do feedback de intérpretes de apoio.

Para captar o ato interpretativo, ocorreu a gravação por meio de uma câmera Sony (modelo: nex-ea50) que ficou posicionada em direção aos membros da mesa e que também captava o áudio da interpretação que estava sendo realizada.

Figura 1 – Esquema para captação no ambiente.



Fonte: Elaborada pelos autores – 2021.

O total do tempo da interpretação analisada foi de 31 minutos e 48 segundos, gerada em dois arquivos de vídeo, salvos como “vídeo parte 1” e “vídeo parte 2”. Essa gravação foi necessária para que posteriormente tivéssemos acesso ao discurso original e à interpretação para o Português para fins de análise. Planejamos observar também as expressões faciais e corporais durante a interpretação, por meio de uma câmera posicionada na parte da frente. Entretanto, devido a uma falha técnica no equipamento de gravação, não conseguimos obter essa imagem, impossibilitando essa parte da análise.

A fala da palestrante foi sobre a campanha “Legenda para quem não ouve, mas se emociona!”, apresentando relatos de sua trajetória como participante do movimento; como se deu início à campanha e quem foi seu idealizador; datas marcantes; conquistas e reflexões para o futuro. A palestrante foi informada de que sua fala seria gravada para análise da interpretação nesse trabalho e estava ciente que o foco do trabalho não seria sua produção do discurso, mas as estratégias realizadas na interpretação.

Para a realização da interpretação, a intérprete contava com uma equipe formada por mais dois alunos estagiários e uma intérprete, oriunda da instituição como supervisora das atividades realizadas. Desse modo, a equipe estava composta por quatro intérpretes, também cientes e de acordo com a construção desse trabalho.

Partiremos então para a análise dos dados coletados, mapeando as estratégias que surgiram na interpretação, relatando as que mais chamaram a atenção dos autores, bem como discorrendo sobre fatores gerais a respeito da interpretação. Ressaltamos que, apesar de termos abordado separadamente cada estratégia que julgamos importante constar nesta análise, a interpretação é uma tarefa fluída e viva, assim como as línguas, e por isso, em alguns momentos há mais de uma estratégia acionada em um mesmo fragmento, pois uma estratégia pode servir como suporte para outra.

Apesar de sempre valer comentar as estratégias utilizadas antes da interpretação para estudo prévio e preparação, neste texto focaremos as estratégias de interpretação durante a conferência.

4. Mapeamento das estratégias interpretativas

Abaixo descreveremos as estratégias observadas ao analisar os materiais de registro da interpretação, começando com os acréscimos.

4.1. Acréscimos

Conforme mencionado anteriormente, o acréscimo é qualquer segmento atribuído ao discurso pelo intérprete (AUBERT, 1998). Esse tipo de estratégia serve para que consigamos transmitir ao máximo o conteúdo para o público receptor da interpretação com informações complementares e, conforme Mitch (2011, p. 34), “[...] permite ao intérprete gerenciar melhor o seu desempenho e seu tempo também”. Os dois fragmentos abaixo demonstram a ocorrência dessa estratégia.

Fragmento 1. 0’04” – Vídeo parte 1

Libras: “BOM DIA (DUAS MÃOS EM CONFIGURAÇÃO DE POSITIVO)”

Português: “**Bom dia então pessoal**”

Fragmento 2. 1’32” – Vídeo parte 1

Libras: “BOM DIA (DUAS MÃOS EM CONFIGURAÇÃO DE POSITIVO)”

Português: “**Bom dia então pessoal**”

O primeiro fragmento ocorre na abertura da mesa. O professor mediador faz um cumprimento e podemos perceber um acréscimo feito com o intuito de adequar a fala ao gênero e manter algo que normalmente acontece em mesas-redondas: cumprimentos informais e chamada de atenção do público. Esse é um exemplo de acréscimo, pois não foi realizado um sinal diretamente equivalente para “pessoa” em Libras.

No segundo fragmento, quando a convidada surda iniciou sua fala, encontramos um outro acréscimo, aqui diferente do exemplo anterior, pois agora se usa a expressão “gente”. Existe uma função para esse acréscimo, porém, ao analisar o contexto de uso, considerando o ambiente formal, a expressão “gente” pode ser considerada muito coloquial. Esse momento nos faz refletir sobre o fato de que nem sempre os acréscimos são positivos, ou contemplam a função de forma esperada, durante a interpretação, e o intérprete deve ficar atento para tais questões.

Esses dois primeiros fragmentos estão baseados na perspectiva de Aubert (1998), que considera como acréscimo qualquer sentença que não esteja presente na língua fonte. Entretanto, pensamos que acréscimos como esses são

comuns na direção da interpretação de Libras para Português, pois são línguas de modalidades diferentes, que não possuem equivalência exata de termos e expressões; sendo assim, refletimos que “as mãos em configuração de positivo”, elemento que ocorreu nas duas falas, podem ter sido interpretadas pelos termos “pessoal” e “gente”.

Em outro momento, a palestrante cita “pessoas ensurdecidas” utilizando o sinal específico, porém na interpretação é acrescentado “ensurdecidos, pessoas que perdem a audição com o tempo”. Destacamos este acréscimo como algo que contribuiu de maneira positiva na interpretação, pois o conceito de ensurdecido não é comumente conhecido por ouvintes que não participam da comunidade surda. A utilização dessa estratégia corrobora com o que diz Mitch (2011, p. 34), já que “a estratégia das adições explicativas consiste na expansão do léxico ou do conteúdo para esclarecer o significado para o ouvinte”. Pensando no público, majoritariamente estudantes de Letras e professores, muitos não têm o conhecimento sobre esse campo, assim, um acréscimo como esse busca contextualizar e explicar com informações complementares o que o termo quer dizer.

Em relação à discussão acerca dos acréscimos, em determinado momento a palestrante explicou o uso de legenda em peças teatrais e apresentou imagens, com fotografias em seus slides, que exemplificavam duas maneiras de disposição da legenda. Para isso, a palestrante aponta primeiro para uma imagem, e depois para outra, questionando qual das duas o público considerava a melhor opção. Na interpretação, ocorre um acréscimo na informação de que a “primeira imagem (apontada pela palestrante) possuía o painel eletrônico de legendas na parte inferior do palco e a segunda possuía um telão lateral para projeção das legendas”. Esse acréscimo auxiliou o público a identificar e entender os processos de disposição de legendas, a informação visual apareceu no texto falado em português como um acréscimo. Esse é um elemento da modalidade, visto que o apontamento em Libras deu conta de dizer de qual imagem ela estava falando. No entanto, apenas para quem está ouvindo, contextualizar a imagem contribuía para a identificação de quais imagens eram mencionadas e em qual momento, relacionando a gestualidade da palestrante com seu discurso.

De acordo com Aubert (1998, p. 109), “acréscimos podem ocorrer em várias circunstâncias distintas, por exemplo na forma de comentários velados ou

explícitos do tradutor, quando fatos que tenham ocorrido após a produção do texto fonte justifiquem a elucidação”, fato que aconteceu nesse caso, pois mesmo com a ocorrência de comentário velado, complementando a informação visual que estava presente no momento, a tarefa de esclarecimento foi cumprida. O autor adverte que casos de acréscimos podem ser confundidos com explicitações e transposições, sendo a diferenciação do acréscimo o fato de ser realizado pela própria decisão do tradutor, no caso de Aubert (1998) e do intérprete no presente caso, sem incentivo do discurso na língua fonte.

Diante dos fragmentos encontrados, percebe-se que o acréscimo é uma estratégia que pode ser utilizada durante a interpretação. Nesse sentido, em alguns momentos ela cumpre a função de contextualizar e se adaptar ao gênero e ao espaço em que o discurso está sendo proferido. Também, ela pode servir de informação complementar para o público, quando o intérprete identifica que necessita de um acréscimo para explicar ao seu público a informação dita na língua fonte.

4.2. *Explicitação/Implicação*

A modalidade de explicitação/implicação, apresentada por Aubert (1998), consiste em fazer com que informações implícitas no texto fonte se tornem explícitas no texto alvo ou informações explícitas no texto fonte se tornem implícitas no texto alvo. Assim, podemos observar o seguinte fragmento, em que identificamos a ocorrência da estratégia de explicitação/implicação.

Fragmento 3. 0’50” - vídeo parte 1

Libras: “[...] TER VER/VISÕES (LADO ESQUERDO) VER (LADO DIREITO) COMPLEMENTAR.”

Português: “**Porque são visões diferentes que vão estar complementando aqui a nossa discussão, né.**”

O fato de os convidados apresentarem visões diferentes, e por isso complementarem a discussão no dia da palestra, já estava implícito na sentença dita em Libras, devido à marcação e ao uso do espaço na língua de sinais, mas, em português foi preciso explicitar para tornar a fala mais contextualizada.

Em um outro momento, logo no início das palestras, nos parece que um elemento cultural distinto em ambas as línguas faz com que a intérprete

necessite realizar uma explicitação na língua alvo. Esse elemento cultural trata-se do momento em que o mediador, após introduzir brevemente o assunto da mesa, apresenta os convidados e usa os sinais de identificação⁷ pessoal de cada um dos palestrantes.

Na cultura surda, é comum que as pessoas tenham sinais pessoais para sua identificação, porém, em português a opção foi interpretar nome e sobrenome de ambos. Tratando-se de uma situação formal de interpretação, uma palestra, julga-se que o uso dessa estratégia de explicitação está relacionado ao contexto.

Abaixo vejamos outro exemplo de explicitação:

Fragmento 4. 14'18" - vídeo parte 1

Libras: "IGUAL FALTA PERGUNTAR NÓS POVO O QUE É COMO NÓS QUERER, DETALHES [...]"

Português: "**Parece que faltou um questionamento a nós surdos, as pessoas receptoras desse produto, a nossa opinião também [...]**"

Ao sinalizar "perguntar" com o direcionamento do verbo para si, dirigindo-se aos surdos e à comunidade surda, a palestrante já concluiu seu pensamento de maneira clara, porém em português houve a necessidade de enunciar a frase de maneira mais longa, além de explicitar quem era esse povo, para tornar claro que se tratava da opinião dos surdos sobre a temática das legendas.

No fragmento abaixo não foi utilizada a técnica de explicitação, mas concluímos que a mesma produziria resultados interessantes.

Fragmento 5. 11'17" - vídeo parte 1

Libras: "NÃO 100% CONFIRMADO, MARCELO FAZER O QUE? PROCESSO M-P [...]"

Português: "**Não é algo efetivo, daí então o Marcelo pensou em criar processos contra o MP [...]**"

Nesse exemplo, a palestrante se referia ao ministério público ao dizer MP, e na interpretação aparecem somente as iniciais MP, sigla que não costumamos frequentemente ouvir no português. Neste caso, caberia o uso da estratégia de explicitação, para que se utilizasse o equivalente mais acordante em

⁷ Optamos por não incluir estas informações no recorte do fragmento, para manter a discrição e o anonimato dos participantes.

português e explicitar que MP, em Libras, corresponde ao Ministério Público em português. Nesse fragmento, registramos, em nossa análise, a implicitação, que poderia ter sido explicitada.

Refletindo sobre esses casos, podemos dizer que a explicitação faz parte das estratégias da interpretação simultânea, para explicar e contextualizar assuntos na língua alvo. Também está associada a uma interpretação cultural, em que é preciso explicitar para chegar mais perto da cultura do público que recebe a interpretação. Discorreremos em seguida sobre outra estratégia na interpretação simultânea analisada, a modulação e transposição.

4.3. Modulação e transposição

Na modulação, o sentido da frase é mantido, mas a estrutura gramatical é modificada, em outras palavras, acontece “sempre que um determinado segmento textual for traduzido, de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específico” (AUBERT, 1998, p. 108). A modulação pode ser positiva, agregando mais sentido na língua em que é produzida, mas, às vezes, o excesso de informação e os rearranjos gramaticais podem interferir de forma negativa. Conforme mencionado, destacamos o fragmento a seguir.

Fragmento 6. 2’49” - vídeo parte 1

Libras: “MAS PASSADO LEGENDA NADA”

Português: “**mas antigamente, como isso acontecia? Não havia legendas**”

Nesse momento, identificamos que uma afirmação negativa na língua de sinais foi modulada para uma interrogação, seguida de uma sentença negativa no português. Fazer esse questionamento no início da frase serviu como uma maneira de chamar a atenção do público ao conteúdo que viria a seguir.

Esse tipo de estratégia pode ser confundida com a transposição por deslocar palavras, mas mantém o mesmo sentido na língua alvo e até mesmo com explicitação, pois ambas dão a impressão de nova informação no discurso. A modulação, ao nosso ver, requer grande conhecimento linguístico e domínio das línguas, para que assim a/o intérprete não siga de maneira literal, no sentido de deslocar e adequar a estrutura semântica, sem perder o sentido. Para fins de

diferenciação, apresentaremos o conceito de transposição e o fragmento que demonstra sua ocorrência.

Segundo Aubert (1998), transpor, na tradução, consiste em não manter uma tradução literal, ocorrendo rearranjos morfossintáticos. Essa estratégia pode ser identificada quando uma palavra na língua fonte transpõe-se em duas na língua alvo, ou quando duas palavras se transformam em uma na língua alvo.

Fragmento 7. 8'50" - vídeo parte 1

Libras: "RESUMO CAMPANHA OBJETIVO O QUE? É IGUAL MOVIMENTO OBRIGAR COLOCAR/INSERIR LEGENDAS."

Português: "**Resumindo um pouco né, o objetivo do movimento seria de luta e conquista da legenda né, para tornar isso obrigatório.**"

No excerto em destaque, o termo "campanha" dito inicialmente, tornou-se "movimento" em português. E a palavra "movimento", proferida em Libras, transpõe-se para "luta e conquista" na interpretação. Essa transposição de uma palavra por duas, serviu para que os segmentos não mantivessem uma estrutura literal (AUBERT, 1998). Além desse motivo, acreditamos que o uso dessa estratégia serve para "suavizar" a ideia de obrigatoriedade, já que em Libras a palestrante foi bem direta, dizendo que o movimento buscava obrigar a inserção de legendas, o que é comum em Libras, mas em Português a transposição auxiliou a causar menos impacto na fala, porém o sentido foi mantido, e a obrigatoriedade posteriormente apareceu.

A respeito dessas duas estratégias, as consideramos necessárias se pensarmos na interpretação. É esperado que a modulação e a transposição sempre ocorram quando se trata da interpretação, pois envolve línguas distintas, com gramáticas e aspectos específicos.

4.4. Omissão e retomadas

Omissões tendem a acontecer quando o ritmo da fala do/da orador/a está rápido, impossibilitando o acompanhamento de informações pela intérprete, em momentos de desentendimento do conceito e termo usado na língua fonte, ou, até mesmo, quando não encontramos equivalentes linguísticos na língua alvo.

Barbosa (2015), ao refletir sobre as omissões na interpretação – assim como Aubert (1998) –, compreende que a omissão já foi reconhecida como um

erro e como estratégia. Optamos neste trabalho por considerar a omissão como parte da interpretação e como algo que pode acontecer de maneira consciente e estratégica. Conforme o fragmento abaixo:

Fragmento 8. 2'15" - vídeo parte 1

Libras: *"EU CONTAR UM POUCO HISTÓRIA COMO COMEÇOU, MAS ANTES (APONTA PARA O TELÃO) HISTÓRIA TRAJETO EU CONTAR O QUE? EU SOU SURDA [...]"*

Português: **"Eu vou contar um pouquinho sobre essa trajetória, o começo dessa campanha, né [...].Je eu sou surda, né [...]"**

Percebe-se que houve uma lacuna de tempo em função da estratégia de omissão, tornando desconexa a sentença; entretanto, ao analisar o vídeo, percebe-se que o fato ocorre devido ao fluxo da sinalização estar rápido, e talvez, por isso a omissão.

Fragmento 9. 7'40" - vídeo parte 1

Libras: *"ATORES SURDOS E OUVINTES MISTURADOS USANDO LÍNGUA DE SINAIS [...]"*

Português: **"Os atores surdos participando usando a Libras no festival [...]"**

Neste outro fragmento de omissão, podemos notar que caso a informação sobre "ouvintes" fosse interpretada, a sentença em português faria mais sentido. Supomos que tal omissão tenha acontecido pela mensagem não ter sido compreendida pela intérprete na sua totalidade. Porém, é importante que os intérpretes atentem para que a omissão não comprometa a compreensão do discurso.

Em alguns momentos, durante a análise, percebe-se o que vamos chamar de retomadas. Era esperada uma omissão, porém, posteriormente a informação era contextualizada, desclassificando a possibilidade da estratégia de omissão. Vejamos a ocorrência a seguir.

Fragmento 10. 4'27" - vídeo parte 2

Libras: *"ANO PASSADO TER GRUPO 2 CEGOS IR PARTICIPAR LÁ (APONTAMENTO PARA REFERENCIAL DO FESTIVAL EM GRAMADO)"*

Português: **"Teve um grupo de cegos que foi, participou do evento, bem legal, o ano passado isso, né"**

A palestrante comentou o acontecido no "ano passado", mas apenas no fim da sentença essa informação aparece. Nesse momento, a retomada recupera

uma informação dita anteriormente, no sentido de complementar um enunciado anterior.

4.5. Antecipação

Segundo Hellmuth (2017, p. 4) antecipar, no contexto da interpretação, “significa prever o que o orador vai dizer ou como irá concluir uma frase”. Resolvemos considerar a antecipação nesta análise, uma vez que a intérprete recebeu com antecedência o material (slides) que a palestrante usaria durante sua fala e devido a tal acesso, refletimos sobre a possibilidade de antecipação, caso lembrasse do conteúdo do material.

Um exemplo de antecipação ocorre nos momentos iniciais da palestra, quando a conferencista cita o criador da campanha “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”; essa informação já era de conhecimento da intérprete, pois estava nos slides recebidos para a preparação da interpretação. Assim, antes mesmo da palestrante usar a datilografia para dizer em português o nome do criador da campanha, essa informação já é repassada pela intérprete. Consideramos essencial que as/os intérpretes recebam matérias para a preparação da interpretação, pois assim podem pensar em estratégias e o usar o conhecimento prévio adquirido com a preparação para qualificar sua atuação.

Fragmento 14. 1'15" - vídeo parte 1

Libras: “*TAMBÉM O QUÊ? QUERER (INICIA UMA CONFIGURAÇÃO DE UM SINAL QUE NÃO É PERCEPTÍVEL) MOSTRAR [...]*”

Português: “**Também eu vo tá mostrando [...]**”

Acima, destacamos o recorte de um momento inicial da mesa-redonda, em que houve antecipação. O mediador ainda não havia concluído a frase e a intérprete disse “mostrando”, e depois disso, ele sinalizou “mostrar”. Não sabemos se realmente seria usado este sinal no discurso fonte, ou se o mediador foi induzido pela escolha da intérprete. Além disso, observamos que nesse momento ela manteve o discurso em português coloquial, utilizando as expressões “vo” e “tá”, o que não é esperado em uma palestra. A impoção vocal foi hesitante, pois a intérprete não estava conseguindo compreender a sentença em Libras, o que a deixou insegura e refletiu na voz, porém não prejudicou a produção nem o sentido da sentença.

No uso dessa estratégia, é possível perceber a aplicação para ganho de tempo. Uma vez que se trata de palestrantes diferentes em cada um dos dois exemplos, um ouvinte e outra surda, houve diferenças na estratégia de antecipação. No segundo fragmento mostrado, a intérprete pode ter influenciado a escolha terminológica do palestrante com a antecipação, ao passo que no primeiro fragmento a frase melhor foi organizada devido ao ganho de tempo.

Nessa perspectiva, vale mencionar que a antecipação é uma atividade complexa, é preciso tomar cuidado ao fazê-la durante a interpretação, pois pode ocasionar a perda completa do sentido de uma mensagem transmitida pelo emissor, ou, como nos casos citados, auxiliar nesse processo.

4.6. Interpretação literal ou transliteração

A interpretação literal, ou transliteração, é compreendida como o ato de manter as escolhas e a ordem sintática da frase de maneira igual, ou muito semelhante, ao discurso proferido na língua alvo, ou seja, aquilo que comumente chamamos de tradução/interpretação palavra-por-palavra (AUBERT, 1998, p. 106), ou nesse caso, sinal-por-palavra. De forma equivalente, utilizamos o conceito de transliterar, que consiste no fato de o intérprete “[...] produzir os sinais da língua de sinais mantendo a estrutura gramatical da língua oral” (LOURENÇO, 2018, p. 7) ou, no caso do presente trabalho, produzir as palavras na língua oral conforme a estrutura da língua sinalizada.

Fragmento 15. 3’8” - vídeo parte 1

Libras: “CODA, O QUE? É FILHO MÃE PAI SURDO”

Português: “**O que que seriam essas crianças, né? São crianças que são ouvintes filhas de pais surdos**”

Neste recorte percebemos que a interpretação, inicialmente, foi feita de maneira mais literal, mantendo a topicalização –habitual em Libras – em forma de pergunta no Português, mas de maneira que soou estranha, pois não costumamos utilizar o “o que” em Português. Em seguida, optou-se por acrescentar que os CODAS, são filhos “ouvintes”, de mãe e pai surdos.

Para que o intérprete não busque uma versão tão literal ou estruturas próximas da língua alvo é importante adquirir maior repertório e usar outras estratégias já descritas anteriormente, privilegiando o sentido ao invés da forma.

Considerações finais

Esta pesquisa se propôs a descrever e analisar estratégias de interpretação na direção Libras-Português Brasileiro de uma interpretação simultânea em uma conferência. A partir dessa análise, pudemos observar algumas estratégias e suas especificidades durante a interpretação. Também na parte teórica interessava refletir sobre possíveis justificativas proferidas a respeito da maior complexidade na interpretação de uma língua de sinais para uma língua oral.

Percebemos que na literatura há descrições de diversos fatores como problemas para a interpretação simultânea na direção de Libras para Português, porém, esses mesmos fatores podem ser igualmente problemáticos na direção inversa da interpretação. Por exemplo, durante a análise, observamos que o fator do tempo, da velocidade da sinalização, causou algumas omissões, mas que o mesmo pode acontecer durante a interpretação do Português para Libras, pois muitos palestrantes ouvintes podem falar rápido. Portanto, não é uma problemática exclusiva na direção da língua de sinais para a língua oral.

Assim, questões como o automonitoramento acontecem de maneiras diferentes na interpretação para o Português, já que ouvimos nossa voz e monitoramos nossas escolhas. Nessa direção, diferentemente da interpretação para Libras, impossibilitados de monitorar em tempo real nossa produção e o fato do público ouvinte, na maioria das vezes, estar em maior quantidade, diferente do público surdo, são possíveis razões encontradas na literatura e que nos parecem fazer sentido.

Analisar e observar as escolhas e estratégias utilizadas serviu para compreendermos as inúmeras possibilidades que o intérprete tem ao realizar uma interpretação, tomadas de decisão conscientes e inconscientes. Acreditamos ser essencial realizar, como prática rotineira, a reflexão e a análise das interpretações, uma autoanálise sobre pontos que podem ser aperfeiçoados na prática da interpretação simultânea, pois assim podemos identificar erros, boas estratégias e soluções para futuras interpretações.

A análise apresentada é de algumas das estratégias implementadas pela intérprete em formação e seu esforço, após o trabalho, para tentar relacionar sua atuação com fatores teóricos dos Estudos da Tradução e Interpretação.

Por fim, acreditamos que os Estudos da Tradução e Interpretação podem ainda receber mais contribuições de estudos sobre a prática da interpretação para o Português, bem como descrições de formas de se preparar e trabalhar em equipe. Ainda há necessidade de se aprofundar no estudo e na prática da interpretação que tem a direção da interpretação de uma língua de sinais para a língua oral.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128/129, 1998. Disponível em: [<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775/53879>]. Acesso em: 10 out. 2019.
- BARBOSA, D. M. Omissões na interpretação simultânea. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 269-288, 2015. Disponível em: [<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n2p269>]. Acesso em: 05 dez. 2019.
- COKELY, D. *Towards a sociolinguistic model of the interpreting process*. Phd thesis, Georgetown University. 1985.
- DIAS, W. P. S. *Interpretação da Libras para o português oral: línguas, sujeitos e discursos*. 2018. 53 f. Monografia (Graduação) – Bacharelado em Letras – Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, São Luís,.
- GILE D. *Regards sur la recherche en interprétation de conférence*, Lille: Presses universitaires de Lille. 1995
- GILE, D. Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training. Revised edition. Amsterdam: John Benjamins, 2009
- HELLMUTH, J. G. S. Antecipação de colocações – uma estratégia para a interpretação simultânea do alemão para o português. *Tradução em revista*. Rio de Janeiro, n. 23, p. 1-18, 2017. Disponível em: [<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32228/32228.PDFXXvmi=>]. Acesso em: 9 abril. 2021.
- KOHN, K. KALINA S. The strategic dimension of interpreting. *Meta*. 41,1.118-138. 1996.
- LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-Português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. *Tradução em revista*. Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-22, 2018. Disponível em: [<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34530/34530.PDFXXvmi=>]. Acesso em: 9 abril. 2021.
- MITCH, E. B. *Estratégias na interpretação simultânea*, 2011. 43 f. Monografia (Graduação) - Departamento de Letras: Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica

do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.academia.edu/14726890/Estrat%C3%A9gias_na_interpreta%C3%A7%C3%A3o_simult%C3%A2nea_a_Teoria_da_Relev%C3%A2ncia_e_o_Desempenho_Experto>. Acesso em: 10 ab. 2021.

NAPIER J. *Sign language interpreting: linguistic coping strategies*. Coleford: Douglas McLean, 2002.

NASCIMENTO, V. M. Interpretação da Libras para português na modalidade oral: considerações dialógicas. *Tradução & Comunicação, Revista Brasileira de tradutores*. São Paulo, nº 24, p. 79-94, 2012. Disponível em: [<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/3733>]. Acesso em: 10 abr. 2021.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 16, p. 624-636, 2013. Disponível em: [<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8925018&fileId=S136672891200052>]. Acesso em: 10 ab. 2021.

NICOLOSO, S; HEBERLE, V. M. As modalidades de tradução aplicadas à interpretação em língua de sinais brasileira. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 35, n. especial 2, 2015. Disponível em: [<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p197/30713>]. Acessado em: 07 mai. 2021.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA*. São Paulo, v. 19, n. spe, p. 209-236, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso]. Acesso em: 10 abr. 2021.

PÖCHHACKER, F. *Introducing interpreting studies*. London: Routledge, 2004.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. *Revista da Anpoll*. Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 111-129, Florianópolis, 2018. Disponível em: [<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/111/940>]. Acesso em: 20 nov. 2019.

SOUSA, D. V. C. Interpretação Libras/Português: uma análise da atuação dos tradutores/ intérpretes de libras de São Luís. *Revista Littera*. São Luís, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2010. Disponível em: [<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/108/67>]. Acesso em: 8 nov. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TRYUK, M. Strategies in Interpreting. Issues, Controversies, Solutions. *Lingwistyka Stosowana/ Applied Linguistics/Angewandte Linguistik*, 2, 181-194. 2010

VASCONCELLOS, M. L. B.; BARTHOLAMEI, L. J. *Estudos da Tradução I*. Florianópolis: CCE/UFSC, 2008.